

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS Uni-ANHANGUERA
CURSO DE PEDAGOGIA**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: RELAÇÃO ENTRE AS
VIVÊNCIAS FAMILIARES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

HELOISA GABRIELY FERNANDES DA SILVA

GOIÂNIA
Novembro/2018

HELOISA GABRIELY FERNANDES DA SILVA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: RELAÇÃO ENTRE AS
VIVÊNCIAS FAMILIARES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Artigo Científico apresentado ao Centro
Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA, sob
orientação da Professora Mestra Marcia Inês, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia.

GOIÂNIA

Novembro/2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

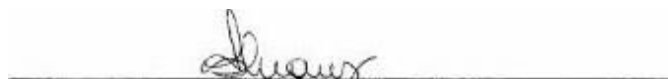
HELOISA GABRIELY FERNANDES DA SILVA
DIFICILDADE DE APRENDIZAGEM: RELAÇÃO ENTRE AS VIVÊNCIAS
FAMILIARES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – Uni-Anhanguera, defendido e aprovado em 17 de novembro de 2018 pela banca examinadora constituída por:



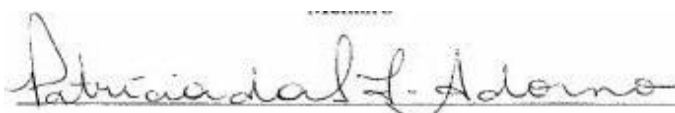
Prof.(a). Ms. Marcia Inês da Silva

Orientador



Prof.(a). Esp. Liliane da Silva Chaves

Membro



Prof.(a). Ms. Patricia da Silva Fernandes Adorno

Membro

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: RELAÇÃO ENTRE VIVÊNCIAS
FAMILIARES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**
**LEARNING DIFFICULTY: RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY LIVING AND
PEDAGOGICAL PRACTICES**

Heloisa Gabriely Fernandes da Silva¹
Marcia Inês da Silva²

RESUMO: Os principais responsáveis pelo desenvolvimento dos alunos/filhos com Dificuldade de Aprendizagem é, sem margem de dúvidas, a relação que deve haver entre a família e a prática pedagógica ministrada nas instituições de ensino. Em razão da falta de informação sobre o tema, elas se distanciam, ao contrário daquilo que seria a verdadeira solução para a questão. O artigo foi desenvolvido por meio de narrativa, relatando a vivência da autora e reforçado com embasamento teórico e estudos de casos onde são apresentados depoimentos de familiares e de professores que fazem da inclusão, parte chave da sua vida. Foram analisadas, ainda, contribuições recentes (Mantoan e Libâneo) e antigas (Vygotsky e Piaget), sobre o tema, fazendo-se a correlação delas com a educação de hoje em dia, resultando em argumentos que podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança com deficiência. A relação saudável entre a família e a escola é fator principal para o desenvolvimento da criança com Dificuldade de Aprendizagem, e ao estudar essa parceria têm-se como objetivo da pesquisa trazer soluções onde abordaremos as experiências familiares e docentes, as melhores metodologias para o atendimento dessas crianças e a importância fundamental de uma educação continuada e específica dos professores responsáveis pela inclusão. Ao final do estudo percebe-se que outro empecilho para o desenvolvimento é o fato da família/pais privarem seus filhos de autonomia para solução de seus problemas, mesmo que sem querer, por excesso de proteção, e também, pela falta de preparo por parte dos educadores para lidar com essa temática da inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Inclusão. Integração. Narrativa. Cognitivo. Educacional.

ABSTRACT: The main responsible for the development of students/children with Learning Difficulties is, beyond any doubt, the relationship that must exist between the family and the pedagogical practice taught in educational institutions. Because of the lack of information on the subject, they distance themselves, unlike what would be the true solution to the issue. The article was developed through narrative, reporting the experience of the author and reinforced with theoretical background and case studies where statements from family members and teachers that make inclusion, a key part of their life are presented. Recent contributions (Mantoan and Libâneo) and old ones (Vygotsky and Piaget) on the theme were also analyzed, correlating them with today's education, resulting in arguments that may contribute to cognitive, emotional development and social development of children with disabilities. The healthy relationship between the family and the school is the main factor for the development of the child with Difficulty of Learning, and when studying this partnership, the objective of the research is to bring solutions where we will approach family and teaching experiences, the best methodologies for care and the fundamental importance of continuous and specific education of the teachers responsible for inclusion. At the end of the study, another obstacle to development is the fact that the family / parents deprive their children of their autonomy to solve their problems, even if unintentionally, because of excessive protection, and also because of the lack of preparation of educators to deal with this issue of inclusion.

KEYWORDS: Experience. Inclusion. Integration. Narrative. Cognitive. Educational.

¹ Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/9830109612389322>). E-mail: gabrielyhelofs@gmail.com

² Professora Assistente no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0923546766860837>. E-mail: marciainess@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Dificuldade de Aprendizagem esteve e está presente até hoje em minha vida, já que acompanhei nos últimos 19 anos as dificuldades que foram enfrentadas com a falta de apoio da escola, a falta de informações e, talvez, os desinteresses dos professores. Em casa, sempre olhava de forma diferente e com uma ponta de curiosidade, para saber o porquê da minha irmã não aprender igual os outros. Era muita dificuldade e, às vezes, ela chegava em casa chorando e falando da vergonha que sentia quando a professora pedia que ela ler e ela não conseguia. E com o tempo e com a minha curiosidade aguçada entendi que essa dificuldade se comparada com a minha era algo muito pequeno, que se tivéssemos um empenho maior e se ela não se sentisse envergonhas em ler na presença dos colegas, com a ajuda de todos o sucesso poderia ser alcançado.

E foi durante a minha vida acadêmica que pude compreender que foi por falta de uma relação mais íntima entre a vivência familiar e a prática pedagógica que o processo de ensino-aprendizagem não foi bem sucedido, porque era necessário um trabalho em conjunto, onde a família e a escola teriam que caminhar juntas na busca do objetivo de propiciar uma educação formal de qualidade. Piaget (2007, p. 50), fala sobre essa relação e a sua importância:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 2007, p.50).

Desta maneira, o professor tem como papel principal estimular o crescimento acadêmico de seu aluno, mas para que isso aconteça é preciso adquirir conhecimento sobre as limitações de cada um e a melhor maneira para estimular, enquanto a família desempenha o seu papel de acolher e prestar todo o apoio emocional para que a criança consiga ter êxito. E quando não há esse trabalho em equipe, por vezes a escola acaba por fazer um trabalho contrário, confundindo a inclusão com a exclusão, onde Mantoan (2003) fala que abriu para inclusão, porém não para novos conhecimentos, fazendo com que ocorra a exclusão desses alunos que não estão inseridos em seus antigos conhecimentos.

Portanto, para que a inclusão seja mais eficaz possível, promovendo o bem-estar e o ensino do aluno, ela deve ter o trabalho em conjunto dos pais e professores, e é o que será tratado no decorrer desse artigo.

2. Materiais e Métodos / Metodologia

O presente trabalho está sendo desenvolvido em duas partes: Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa de Campo. A primeira conforme Fonseca (2002, p 32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. [...] Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 169) a pesquisa de campo é:

...é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 169)

Portanto, para confirmar as referências teóricas utilizadas, faremos uso da pesquisa de campo para comprovar a necessidade da interação entre a família e a escola. Nesse trabalho utilizaremos - como pesquisa de campo - as experiências dos familiares dos alunos com a dificuldade de aprendizagem, aliando as técnicas pedagógicas que podem ser utilizadas para o desenvolvimento escolar da criança.

Sobre a pesquisa de campo, Tripodi et al (1975 aput Lakatos e Marconi, 2003), propõe sua divisão em três tipos, a quantitativo-descritivos, a de exploração e as experimentais. No o estudo em questão será utilizado o método quantitativo-descritivo, que por meio de uma amostra da população (familiares).

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma narrativa, que parte da vivência da pesquisadora com uma irmã com dificuldade de aprendizagem, e as experiências de dois professores que atuam com a inclusão e duas famílias que tem filhos com deficiência, através de entrevistas, com um roteiro semi estruturado, para mostrar suas experiências profissionais e pessoais sobre o desenvolvimento da aprendizagem e inclusão, fazendo relação entre a vivência e a experiência profissional, que segundo os autores Clandinin e Connelly (2011, p. 51) é:

é um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou uma série de lugares, e em interação com um milieus. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. [...] pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 51).

Por isso, a pesquisa narrativa dá uma pessoalidade ao texto e expõe a interpretação pessoal, possibilitando uma maior flexibilidade para discorrer sobre o tema. Portanto, usa de sua experiência para sustentar o que está sendo pesquisado.

Estão sendo estudadas vidas, experiências nas quais a inclusão é o tema central de todo o estudo. No texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” Larrosa Bondía (ano, p 21) afirma que a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.”, que tem como objetivo tocar cada um que de alguma forma se identificar com as experiências abordadas durante todo o trabalho.

3. Contextualizando Aprendizagem e as Diferentes Formas de Aprender

A aprendizagem para Vygotsky (1998) não ocorre apenas no momento em que o aluno está inserido em um contexto escolar, que antes de qualquer aprendizado adquirido na escola, a criança trás de casa uma bagagem própria, dando início ao desenvolvimento da aprendizagem que o autor (1978, p. 57) afirma ocorrer em dois momentos, o primeiro é o interpsicológico (o social, interação com as outras pessoas que convivem) e o segundo o intrapsicológico (o pessoal, com ela mesma). Segundo Vygotsky (2001, p. 115), para que exista um desenvolvimento, primeiro tem que ter uma aprendizagem:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente. (VYGOTSKY, 2001, p.115)

Por tanto, o desenvolvimento e a aprendizagem andam juntos, onde a aprendizagem influencia o desenvolvimento, fazendo com que ela saia do paradigma mecânico, e com isso desenvolvendo o psicológico, autônoma e consciência da criança. Já Piaget (1987) contrapõe essa ideia, afirmando que essa relação acontece ao contrário sendo a aprendizagem influenciada pelo desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento vem de dentro para fora, e assim surgindo à aprendizagem.

Mas, sem sobra de dúvidas, não há aprendizagem sem uma mediação, e é por meio dessa mediação em que ocorre o desenvolvimento escolar e social da criança. Quando falamos de mediação, falamos em ensinar e mostrar ao aluno o porquê e para quê, da um sentido a tudo aquilo que está sendo mostrado para ele. Segundo Sforzi (2008, p. 7 e 8):

Se a compreensão de mediação permanece vinculada apenas à apoio ou ajuda do professor sem ser explicitada a direção dessa ajuda e qual o objeto central dessa interação, pode-se considerar que quando o aluno consulta o professor acerca da grafia de uma determinada palavra e ele o orienta a registrá-la "do seu jeito" ou, ainda, quando o professor escreve a palavra de forma correta para que aluno apenas a copie, podemos afirmar que há interação professor-aluno, todavia sem o elemento fundamental presente no conceito de mediação da abordagem Histórico-Cultural: o conhecimento como mediador da atividade psíquica compartilhado na comunicação prática e verbal entre as pessoas. (SFORZI, 2008, p. 7 e 8)

Assim sendo, sem a devida explicação, e não só no contexto escolar, a criança não assimilará nada do que foi falado, porque para ela não terá sentido, e quando não há sentido não ocorrerá à devida absorção do que foi ensinado.

A Dificuldade de Aprendizagem é um tema onde se tem uma grande abrangência de estudos, sendo debatida por vários profissionais, desde médicos até professores. Por ter essa vasta gama de estudos, acabam por ter diversas opiniões diferentes, gerando conclusões precipitadas e discriminatórias. Segundo Andrade (2003, p 15):

Qual o significado dos termos aluno com problema ou dificuldade de aprendizagem? São várias as possíveis respostas, varias as possíveis construções de significados acerca dos termos, sem que uma seja mais verdadeira que outra. Assim, não podemos previamente acreditar que alunos são problemas ou que famílias são desajustadas, ou que professores são autoritários. Precisamos ver uns “quebra-cabeças”, as partes e o todo! (ANDRADE, 2003, p. 15).

Com isso, vale ressaltar que a Dificuldade de Aprendizagem não é só um problema sociocultural, econômico ou estrutural, como por muitos anos foi tratado. É um comprometimento que atinge algumas áreas do cérebro, responsável pela aprendizagem e a recepção de informações, deixando o mais lento que os demais que não apresentam a mesma disfunção. Podendo também, além do caráter biológico, ter uma causa psicológica, como problemas familiares, emocional, depressão, entre outros.

A Dificuldade de Aprendizagem são distúrbios que podem aparecer em qualquer momento da vida acadêmica, englobando diversos transtornos, “manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração e cálculo” (SISTO, 2001, p. 33).

Esses transtornos, dentro da Dificuldade de Aprendizagem, são classificados pelos Diagnósticos de Transtornos Mentais DSM-V (2013) e Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde CID-10 (2008) por:

- **Transtorno da Leitura**

- **Dislexia:** Distúrbio de ordem genética e neurobiologia, que afeta a leitura, interpretação e a escrita. Na pessoa disléxica, a parte responsável por transportar essas informações é diferente, causando falhas durante o processo de decodificação das letras, apresentando diversos níveis (leve, moderado, grave).
- **Dislalia:** Pode ter sua origem fonológica, genética, emocional e auditiva. As pessoas com dislalia apresentam dificuldade na fala, trocando ou acrescentando letras e fonemas.

- **Transtorno da Matemática**

- **Discalculia:** Desordem neurológica, podendo ser causada por dificuldades neurológica, linguística, psicológica e genética. A criança com discalculia apresenta

dificuldade na compreensão e memorização da matemática e suas fórmulas, noção de direção, quantidade.

- **Transtorno da Expressão Escrita**

- **Disortografia:** Tem por causa intelectual, linguísticos, e assim como a disgrafia, emocional e pedagógico. As características apresentadas são a dificuldades em organizar as ideias ao escrever, em recordar os processos para a construção de um texto, e diversos erros ortográficos.
- **Disgrafia:** Sua causa ainda é complexa, podendo ter início na psicomotricidade, personalidade, emocional e pedagógica. A pessoa portadora desse distúrbio tem como característica a qualidade da grafia das palavras, podendo ter a escrita grande ou pequena demais, formatos das letras distorcidas, escritas irregulares, desorganização geral.

- **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH):** Disfunção que tem como origem neurológica, genética, ambiental e social. A criança quando diagnóstica com o TDAH apresenta característica como a facilidade permanecer sua atenção em alguma atividade que chame sua atenção, fazendo ao contrário quando a atividade demanda muito tempo, podendo apresentar impaciência, inquietação e impulsividade.

4. Narrativas de Experiências com a Dificuldade de Aprendizagem – Subjetividades da Pessoa com Deficiência

Após um mês do nascimento, minha irmã foi diagnosticada com Toxoplasmose, que é causada pelo protozoário “Toxoplasmose gondii”, podendo ser adquirida por animal ou humano. Em sua forma humana, quando adquirida ainda na gravidez, é clinicamente mais grave por ter forte relação com o desenvolvimento neurológico e a visão da criança, que é a chamada Toxoplasmose Congênita.

Com isso, algumas limitações neurológicas e a baixa visão, entre elas a Dificuldade de Aprendizagem a prejudicou durante seu início da vida acadêmica atrasando o seu processo de alfabetização e letramento, que até os seus 11 anos, apenas era copista e reconhecia algumas letras, principalmente vogais. E com a dedicação de uma adolescente que não tinha nenhuma formação acadêmica, mesmo com a desmotivação vindo até mesmo de quem mais deveria querer sua evolução, a Neuropediatra, que durante uma consulta, foi categórica ao afirmar para o meu pai que ela nunca iria aprender, e a contrariando com 12 anos já estava dando seus

primeiros passos na leitura, e aguçando ainda mais sua curiosidade, tentando ler desde letreiros pelas ruas até suas atividades escolares, e às vezes também o que não podia, e quando era repreendida por isso, tinha a resposta na ponta da língua “Ninguém mandou me ensinar a ler, agora aguente.”.

Essa subjetivação por meio de sua médica, a qual não foi a única pessoa a duvidar de sua competência, indo desde médicos até familiares, onde era sempre colocada à prova sua capacidade em resolver seus problemas e aprender tudo o que todos conseguiria fazer, até mesmo melhor. Através disso, me traz um pensamento, de que, quantas pessoas são subestimadas por conta de sua deficiência, seja ela qualquer for, e são tratadas como coitadinhas, incapazes, e entre outros, acabando apenas só atrasando seu desenvolvimento, principalmente social, os tornando crianças e posteriormente adultos inseguros, e não deixando com que o indivíduo crie uma autonomia, os deixando cada vez mais dependentes dos outros, e não acreditando em sua própria capacidade.

Para Pistrak (1981, p. 140), a autonomia deve ser sempre guiada por um adulto, e assim:

É preciso encontrar a linha de comportamento justa, evitando, sem dúvida, o esmagamento da iniciativa das crianças, a imposição de dificuldades a sua organização, mas permanecendo, de outro lado, o companheiro mais velho que sabe ajudar imperceptivelmente, nos casos difíceis, e, ao mesmo tempo, orientar as tendências das crianças na boa direção. Para falar de forma mais concreta, isto quer dizer que é preciso suscitar nas crianças preocupações carregadas de sentido social: ampliá-las, desenvolvê-las, possibilitando às próprias crianças a procura de formas de realização. (PISTRAK, 1981, p. 140)

Portanto, a criança terá mais chance de se desenvolver, tanto na sua vida pedagógica quanto na social, se não for subestimada em sua capacidade e se tiver o auxílio de um adulto, seja ele o pai, o professor ou o médico.

A minha irmã, hoje com seus 19 anos, ainda carrega traços dessa subestimação. A sua pouco autoestima, muito vezes, faz com que ela mesma desacredite de sua capacidade, tornando-se uma adulta ansiosa, com medo de decepcionar as outras pessoas e do o que elas vão achar dela, sendo que muitas vezes tenho que chamar sua atenção para que faça valer sua vontade. A falta do apoio na infância assombra o adulto de hoje, faz com que ela não tenha voz e atitude para correr atrás de seus objetivos, tornando-se uma adulta muito dependente para realizar tarefas para nós são simples e o motivo, diga-se novamente, foi a falta de estímulo adequado, que não gerou nela uma boa autoestima.

E não é só no âmbito familiar que se forja a autoestima da criança, os professores não podem subestimar a capacidade de aprendizagem da criança com qualquer deficiência, a sua inclusão no ambiente escolar é, também, de muita importância, pois é o lugar onde suas dificuldades estarão mais evidentes, já que serão confrontadas com as outras que são

consideradas “normais”. E com a minha irmã não foi diferente, mas é quando estamos do lado da família que nos perguntamos se de fato houve a inclusão dela no decorrer de seu ensino formal, ou se ela foi excluída daquele ambiente. Segundo Mantoan (2003, p 13), a exclusão escolar pode acontecer quando a instituição de ensino não se abre a novos conhecimentos, nestes termos:

A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar. Ocorre que a escola se democratizou abrindo-se a novos grupos sociais, mas não aos novos conhecimentos. Exclui, então, os que ignoram o conhecimento que ela valoriza e, assim, entende que a democratização é massificação de ensino e não cria a possibilidade de diálogo entre diferentes lugares epistemológicos, não se abre a novos conhecimentos que não couberam, até então, dentro dela. (MANTOAN, 2003, p. 13)

O que de fato aconteceu com minha irmã em toda a educação infantil e boa parte do ensino fundamental, quando ela foi recebida pela escola, mas não foi efetivamente inserida no contexto escolar. As professoras do ensino fundamental, por diversas vezes, preferiam passar uma atividade de colorir, que não tinha nada a ver com o conteúdo da aula ministrada, enquanto as demais crianças faziam as atividades relacionadas à matéria. No ensino fundamental, em seus primeiros anos, os docentes apenas “jogavam” o conteúdo, sem se preocupar com o aprendizado dela.

5. A Mediação Docente na Aprendizagem das Pessoas com Deficiência

O professor ao se deparar com aluno que possui alguma deficiência pela primeira vez em sala de aula, de imediato vem em mente “não preparei nada de diferente para esse aluno”, inclusive, enquanto estagiária, ouvi de muitos profissionais falas parecidas. Mas o professor, precisa ter em mente que o aluno da inclusão também tem possibilidade de aprender, e é seu papel como educador de oferecer essa oportunidade a ele.

O educando com deficiência não terá o mesmo processo de aprendizagem que os demais, isso é bobagem esperar, mas isso não quer dizer que ele não terá evolução, ela virá de outra maneira, só que nem por isso pode ser deixado de se considerar como uma aprendizagem. E Mantoan (2003, p. 36) em seu livro “Inclusão Escolar: O que é? Por que? E como fazer?” defende que:

Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de agirmos com realismo e coerência [...] (MANTOAN, 2003, p. 36)

O professor deve aceitar todo e qualquer avanço que seu aluno tiver, seja ele educacional ou comportamental, cabendo a ele o papel de estimular a criança para que seus objetivos como aluno seja alcançado.

A aprendizagem pode ser alcançada de diversas formas “O professor, ao proporcionar aos alunos situações de aprendizagem mais próximas dos interesses deles, oferece-lhes possibilidade de transformar o que lhes foi apresentado a partir de suas referências.” (ANACHE, 2011, p. 132). A minha irmã, por exemplo, gosta de música, vive por meio da música, muitas vezes nos surpreendemos com ela cantando umas que nem sabíamos que existia ou outras que quando foram lançadas nem meus pais eram nascidos, e uma das estratégias usada quando estava sendo alfabetizada foi a utilização de letras de músicas, e se o professor souber como usar as preferências de seus alunos ao seu favor, a evolução será ainda mais fácil de ser alcançada.

O professor é o principal responsável pela aprendizagem ou não aprendizagem de seu aluno, seja o aluno que apresenta alguma dificuldade ou não, o educador tem por formação procurar maneiras para que seu educando aprenda, e com o aluno com deficiência não deve de maneira alguma ser diferente. Então, o professor pode começar pesquisando mais sobre a disfunção que seu aluno tem, é a partir daí, conhecendo mais sobre a condição dele que terá mais oportunidade de desenvolver, e então fazendo sua real função, que é mediar a aprendizagem.

O trabalho docente para Libâneo é uma “atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo.” (LIBÂNEO, 1994, p. 88). Porém, o professor só poderá desenvolver esse papel se por parte dele tiver um verdadeiro interesse no desenvolvimento de seu aluno, caso não haja, ele não será nada mais que aquele professor que não contribuiu em nada com o ensino-aprendizagem daquela criança. Se o docente não acreditar em seu aluno e em sua capacidade, e saber mediar o conhecimento necessário e suficiente, ele só irá ser lembrado como mais um que promoveu a integração e quem sabe, até mesmo a exclusão do aluno com deficiência.

E, quando falamos de desenvolvimento, não é só cognitivo, é também cultural e social. O autor também defende que o papel do professor ao desenvolver a aprendizagem da criança, tem:

[...] tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 87)

Ou seja, além de possuir um papel acadêmico na vida criança, ele também tem uma certa responsabilidade social. Ao mostrar ao aluno que ele é capaz de desenvolver, e aprender, ele estará contribuindo com a sua autoestima, e por consequência, mais para frente, pela maneira em que ele irá encarar o mundo, as responsabilidades, sua autonomia.

O professor, principalmente, o dos anos iniciais é tido como uma exemplo a ser seguido por seus alunos, como tudo o que ele faz e fala é verdade absoluta, e caso não há esse estímulo por parte “ser absoluto” em que mais a criança com a deficiência irá acreditar que é capaz de realizar certas tarefas sozinha? Quem será bom o bastante para desenvolver sua autonomia, se não aquele que lá no começo não o estimulou e incentivou a ter sua própria autonomia?

6. Relação Família e Escola no Desenvolvimento do Aluno com Deficiência

O acompanhamento escolar da família é peça chave no desenvolvimento de qualquer pessoa, quando se tem o apoio de quem mais confia o aluno se sente mais disposto e motivado a encarar essa nova realidade que está sendo inserido. E quando se trata da inclusão do aluno com deficiência em uma escola, esse apoio ainda é mais significativo. Para Szimanski (2010, p. 20), a família é a responsável pela socialização da criança:

A família, nesta perspectiva, é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel transmissor – os pais – e desenvolvidas junto aos que são os receptores – os filhos. (SZYMANSKI, 2010, p. 20)

E devido a essa responsabilidade, que ao receber o total apoio de seus responsáveis que a criança consegue melhor se desenvolver, a aprendizagem é um processo multidimensional, nos quais está ligada a escola e a propriedades extracurriculares, onde o papel da família no desenvolvimento integral do aluno é de extrema importância.

A família e a escola são duas instituições que buscam o mesmo objetivo, e devem andarem de mãos dadas, juntas percorrendo os mesmos caminhos. Ambas são responsáveis pelo desenvolvimento, cultura, social e educacional da criança, quando não há conversa entre as duas instituições o aluno é o principal prejudicado. Cabruzzi (1998), reafirma essa relação em sua obra “Estimulação Essencial ao Portador de Surdez”:

É importante notar que as famílias são imprescindíveis no processo educacional dos filhos, pois, as crianças demonstravam que estavam desenvolvendo autonomia, conscientização do outro e a convivência em grupo. Lembra que vale salientar que é fator fundamental a parceria escola/família, pois são agentes de transformação em termos individuais [...]. (CAMBRUZZI, 1998, p. 90)

Portanto, quando realmente existe a procura por parte da família em participar da vida acadêmica do aluno, e a abertura da escola para a mesma, a criança sentirá mais estímulo para desenvolver sua aprendizagem.

A escola deve ser a responsável pelo início dessa relação, fazendo o possível para que os pais e/ou responsáveis se interesse cada vez mais pelo dia a dia de seus filhos, e auxiliando no processo de construção do ser crítico, em que ambos estão querendo que a criança torne, os preparando para o mundo. Para Cury (2003), a família deve ser extensão da escola, onde reforça a parceria família e escola, representada em seus livros “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes” por pais e professores, “Por ser a vida uma grande escola, os pais devem procurar compreender os hábitos dos professores fascinantes que descreverei a seguir. Eles serão úteis na sua jornada. Pais e professores são parceiros na fantástica empreitada da educação.” (CURY, 2003, p. 54).

Para Piaget (2007), a ligação entre essas duas instituições acaba por dividir as responsabilidades entre elas sobre a educação da criança, onde há uma ajuda mútua ente ambos para que a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno sejam alcançados. Cabendo a escola estabelecer essa relação, informando a família os avanços e objetivos alcançados pela criança, e para que a família possa participar e estimular em casa sua criança.

Quando tratada de forma legal essa relação família e escola, é defendida tanto pela Constituição Federal:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

E pela Lei de Diretrizes e Bases:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Em ambos, fica explícito que a educação da criança é de responsabilidade da família e do Estado (representado pela escola), e que a mesma é de extrema importância para o desenvolvimento social e cultural do ser. Por isso, volto a reforçar, o processo de educar, é não deve ser desenvolvida sozinha pela escola, devido a isso Parolim afirma que:

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)

Por tanto, a família partilhando do mesmo objetivo da escola, e vice e versa, deve possuir os mesmo interesses e ideias para superar todas as dificuldades que o processo de inclusão

apresenta para a criança, na qual é sempre doloroso tanto para a criança quanto para a família, que estão saindo de sua zona de conforto.

7. Resultados E Discussões

A motivação da pesquisa de campo foi com o intuito de observar na prática como é a relação da família e da escola, visando reforçar a parte teórica usada durante todo o desenvolver deste estudo. De início foi realizada uma entrevista com duas professoras e uma cuidadora da Escola Municipal Olegário Moreira Borges, em Goiânia-GO, onde as mesmas responderam um questionário (Apêndice A) que visa entender um pouco melhor como é feito a inclusão por parte desses profissionais.

Durante a entrevista aos professores (que foram identificados com nomes fictícios), foi perceptível que por unanimidade a maior dificuldade encontrada para que eles possam ofertar uma educação inclusiva aos seus alunos é a falta de apoio por meio da Órgão Municipal responsável pela educação em Goiânia.

Eu me considero uma professora inclusiva, e trabalho em uma escola totalmente inclusiva, mas não contamos com o apoio da secretaria para que seja mandado professores apoio, onde sem alegam que para que a criança tenha direito a esse acompanhamento, ela deveria depender de uma pessoa para comer, ir ao banheiro. E também, é necessário um maior incentivo para que o professor tenha educação continuada. (Professora – Joana)

Da mesma forma que a Professora Joana, afirma que não há apoio da secretaria responsável, e afirma que fica sobrecarregada ao não ter um apoio especializado, a professora Fernanda também aborda a mesma falta de apoio:

Realmente não temos o apoio da secretaria, eu tenho três alunos laudados, e outros que não foram diagnosticados, mas nós desconfiamos de que tenha alguma dificuldade de aprendizagem, e que a SME não nos manda nenhum tipo de ajuda, e ficamos sobrecarregados porque temos que dar conta de todos os alunos, mas aqueles que não possuem a mesma facilidade dos outros. (Professora – Fernanda)

E durante conversa com outra profissional, ela relatou que na SME-GO não há Professor Apoio, apenas Cuidador:

Eu na verdade, não sou professora apoio, sou cuidadora, na prefeitura de Goiânia não tem esse tipo de profissional. Eu acabo fazendo um trabalho que não é o meu, ajudo na alfabetização, na realização de tarefas, porque vejo a dificuldade dos professores em dá conta de todos os alunos. (Cuidadora – Mariana)

De acordo com as entrevistas e conversa, foi possível observar que a maior dificuldade encontrada para oferecer um ambiente inclusivo as crianças com Deficiência é a de conseguir apoio das secretarias responsáveis, as quais acham que por apenas ofertar a vaga para aquelas

crianças estão fazendo a inclusão, os que os deixam bastante longe de seu real significado. Para Mantoan (1997), a integração é:

[...] integração escolar, cuja metáfora é o sistema de cascata, é uma forma condicional de inserção em que vai depender do aluno, ou seja, do nível de sua capacidade de adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração, seja em uma sala regular, uma classe especial, ou mesmo em instituições especializadas. Trata-se de uma alternativa em que tudo se mantém, nada se questiona do esquema em vigor. (MANTOAN, 1997, p. 8)

Já a inclusão é “uma educação para todos e com um ensino especializado no aluno, mas não se consegue implantar uma opção de inserção tão revolucionária sem enfrentar um desafio ainda maior: o que recai sobre o fator humano.” (MANTOAN, 1997, p. 8 e 9).

E enquanto se fala sobre a inclusão durante este estudo, tem-se como base fundamental o quanto parceria entre a escola e a família é necessária para a inclusão real. E com o intuito entender mais o que os pais pensam e vivem sobre essa temática foi elaborado um questionário (Apêndice B) no qual eles relataram o lado de sua vivência familiar. A pesquisa foi realizada com 3 mães de alunos que recebem apoio especializado no Centro Municipal de Apoio a Inclusão Brasil Di Ramos Caiado.

De início foi questionado como é feito a inclusão por parte da escola, duas mães afirmaram que estava satisfeita com o trabalho realizado com os seus filhos, e que sim sentia que existia esse apoio, no entanto, a outra mãe Fabiana (nome fictício) vivencia outra realidade:

Na escola para mim não é inclusão e sim exclusão, na LDB é tudo muito lindo mas, na prática não vivenciamos de fato a inclusão escolar. Dentro do contexto escolar não vejo uma educação especializada de apoio para a criança com dificuldade aprendizagem. (Fabiana – mãe – Déficit Cognitivo e TDAH)

Em outro momento, quando foi perguntado como vem sendo desenvolvido esse processo de inclusão, uma outra mãe afirmou que:

De início só aconteceu porque eu questioneei quanto a maneira em estava acontecendo a aprendizagem dele e daí a escola já tinha um projeto de inclusão. E após isso, começou de fato a inclusão do meu filho, e hoje vem acontecendo o processo de incluir, e apoio a ele. (Suzana – mãe – TDAH)

E quando questionado sobre o atendimento especializado ofertado pelo CMAI, as mães afirmaram que é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e educacional da criança:

O atendimento especializado é de muita importância, pois obtive bons resultados durante o tempo em que meu filho está frequentando o CMAI, bastante avanços em sua aprendizagem. (Simone – mãe – Déficit de Atenção)

Ao final, foi perguntado a todas se por parte da família, existe um apoio e se acreditam de fato no desenvolvimento de sua criança. E uma das mães me chamou bastante atenção pelo fato de que há um empenho por parte dela, a vontade de ver seu filho se desenvolver:

Sim, claro esse é meu foco que meu filho desenvolva, para que ele tenha uma vida comum. Possa ter um futuro brilhante, no qual eu só desejo coisas boas e que ele vá

muito mais além do que imaginamos para ele. (Fabiana – mãe – Déficit Cognitivo e TDAH)

O que de fato é de se admirar durante seu depoimento, ela espera sim que seu filho se desenvolva, mesmo que de fato não tenha um melhor apoio por parte da escola, só que só por ter pessoas que acredita em sua evolução, e quando essa pessoa possui uma grande importância em sua vida não há empecilhos para que isso aconteça, já que “família é responsável pela aprendizagem da criança” (FERNANDES, 2001, p. 42).

Ao final dessa pesquisa, quanto à relação família-escola pode ser notada que mesmo que há essa ajuda mútua em entre ambas em vários casos, possui também, por parte da família certa vitimização, e uma dependência enquanto seus filhos estão sendo atendidos, gerando uma superproteção, que não é nada saudável para o desenvolvimento da criança. A família, em grandes casos, a mãe em especial, ao descobrir que seu filho possui Necessidades Educativas Especiais acabam por deixando de viver sua vida e se dedicando basicamente a ele, deixando-os totalmente dependentes.

E quando se trata da escola, que aqui nesse estudo específico é representado pelo professor, mesmo que eles afirmam e defendam que são professores inclusivos. Em uma das conversas uma professora defendeu que muitas das vezes não consegue ser mais inclusiva, porque não existe um incentivo e uma educação continuada. Será que na prática há o apoio governamental? E sem este apoio, os professores conseguem ser totalmente inclusivos?

8. CONSIDERAÇÕES

É de extrema necessidade dissociar as inúmeras Dificuldades de Aprendizagens da falta de vontade e preguiça, e entender que é necessário que para que haja uma evolução cognitiva por parte dos alunos tem que haver uma parceria entre a família e escola.

De acordo com isso, o objetivo desse artigo foi observar como a relação família-escola está diretamente ligada ao desenvolvimento do aluno, principalmente quando se trata de crianças que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, por meio da vivência e da prática, já que esse desenvolvimento se inicia muito antes dele ser inserido em um contexto escolar.

E por meio dessa observação, desmistificar o paradigma imposto pela sociedade sobre as diferentes maneiras de aprender, onde, cada um tem seu tempo e sua forma de assimilar tudo o que acontece ao seu redor.

No entanto, durante a realização do estudo de caso, foi possível notar que o principal problema encontrado foi o da inclusão, que recebe esse nome. Porém, na realidade é praticada a integração, e não há de fato um auxílio melhor por parte de pessoas que estão fora do alcance dessa parceria, também foi observado que há falta de conhecimento por parte da família quanto a definição dos termos inclusão, exclusão e integração.

Não há muita literatura escrita sobre o tema deste artigo, e este não tem por escopo exaurir o assunto, mas sim abrir um novo campo de discussão para que educandos, educadores, familiares e toda a sociedade envolvida nesta temática possam buscar melhores soluções.

O estudo realizado visa alcançar familiares e profissionais da educação, que procuram entender mais sobre as condições dessas crianças, para que assim possam trabalhar em conjunto com a mesma finalidade.

É necessária a criação de órgãos, grupos de estudos e/ou fóruns que possuem os interesses comuns quanto ao tema abordado, buscando soluções para que esses alunos tenham um maior desenvolvimento do ensino aprendizagem.

É fato que se teve um grande avanço quanto a inclusão e o desenvolvimento da criança com Necessidades Educacionais Especiais, porém há muito o que ser feito para que se alcance o desejado. Para que isto aconteça deve ser intensificado a relação entre as vivências familiares e as práticas pedagógicas.

Os responsáveis pela educação dessas crianças buscam formas de eliminar e acabar com as dificuldades de aprendizagem, no entanto, não existe uma fórmula pronta para que isto de

fato aconteça, e sim maneiras nas quais uma real colaboração por parte da família e da escola possam desenvolver a aprendizagem e sua interação social.

REFERÊNCIAS

- ANACHE, Alexandra Ayach. “Aprendizagem de Pessoas com Deficiência Intelectual: desafios para o professor”. In: MARTÍNEZ, A. M.; TACCA, M. C. V. R (Org). **Possibilidade de aprendizagem: Ações Pedagógicas para Alunos com Dificuldade e Deficiência**. Campinas: Editora Alínea, 2011, p. 109-138.
- BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em: 10 set 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília. MEC, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394 .htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acesso em: 27 out 2018.
- _____. **Constituição Federal**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 27 out 2018
- CAMBRUZZI, Rita de Cássia Silveira. **Estimulação Essencial ao portador de Surdez**. Anais do III Congresso IberoAmericano de Educação Especial, volume 3. Foz do Iguaçu - PR: Qualidade, 1998. p. 86- 90.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 21.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FERNANDES, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copyofhistoria-i/historia-ii/china-e-india>> Acesso em: 19 set 2018
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.
- _____. **A Inclusão Escolar de Deficientes Mentais: contribuições para o Debate**. In. Revista Integração, Brasília, ano 7, n. 19, p. 50-57
- MITSUKA-BREGANÓ, R., LOPES-MORI, FMR., and NAVARRO, IT., orgs. **Toxoplasmose adquirida na gestação e congênita: vigilância em saúde, diagnóstico, tratamento e condutas**. Londrina: EDUEL, 2010. 62 p. ISBN 978-85-7216-676-8. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/cdtqr/pdf/mitsuka-9788572166768.pdf>> Acesso em: 18 set 2018

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10**. Disponível em: <www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>. Acesso em: 10 set 2018.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981

SALVARI, Lúcia de Fátima Carvalho. **A Relação entre Família e Problemas de Aprendizagem: o que pensam os psicólogos e pedagogos?** 2004. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-19T185726Z-44/Publico/Lucia%20Salvari.pdf> Acesso em: 10 ago 2018

SFORNI, M. S. F. **Aprendizagem e Desenvolvimento: o papel da mediação**. In: Vera Lúcia Fialho Capellini; Rosa Maria Manzoni. (Org.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional**. Bauru UNESP/FC/SP: Cultura Acadêmica, 2008.

SISTO, F. F. Dificuldades de aprendizagem. In: SISTO; BORUCHOVITCH, E.; FINI, L.D.T.; BRENELLI, R.P.; MARTINELLI, S.C. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família e escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber, 2010.

APÊNDICE A

Este questionário é um instrumento de pesquisa sobre a relação família e escola no processo de ensino aprendizagem da criança com Necessidades Educativas Especiais, destinado aos professores da rede regular de ensino.

- Questionário para os professores
 1. Quais os primeiros indícios apresentado pelo aluno, para que acenda a dúvida de que ele possui algum tipo de dificuldade de aprendizagem?

 2. Quais as principais dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem da criança com Necessidades Educacionais Especiais?

 3. Você possui algum método diferente para lidar com o aluno com dificuldade de aprendizagem?

 4. Qual a sua opinião sobre a inclusão do aluno com Necessidades Educacionais Especiais na Rede Regular de Ensino?

APÊNDICE B

Este questionário é um instrumento de pesquisa sobre a relação família e escola no processo de ensino aprendizagem da criança com Necessidades Educativas Especiais, destinado aos pais dessas crianças.

- Questionário para a família

1. Como está sendo a inclusão escolar de seu filho? A escola tem realizado um bom trabalho? Possui atendimento especializado?
2. Como tem ocorrido o processo de inclusão de sua criança?
3. Frequenta o ensino regular e o atendimento especializado?
Sim () Não ()
Se sim, como considera este processo de atendimento a criança com Necessidades Educacionais especiais?
4. Você acredita no desenvolvimento da aprendizagem de sua criança? Explique.

DECLARAÇÃO E AUTORIZAÇÃO

Eu, Melissa Gabriely Fernandes da Silva, portador
(a) da Carteira de Identidade nº 5790860, emitida pelo
SSP, inscrito (a) no CPF
sob nº 755.963.001-44, residente e domiciliado(a) na
rua A2 quadra 3, lote 31, setor M. horizontal, na
cidade de Goiania, estado de Goiás, telefone fixo
(—) e telefone celular (62) 98177-8347
email: gabrielyhelops@gmail.com, declaro, para os devidos fins e sob
pena da lei, que o Trabalho de Conclusão de Curso:
Dificuldade de Aprendizagem: relação entre a vivência Johni
liar e prática pedagógica é uma produção de minha exclusiva autoria e que assumo, portanto,
total responsabilidade por seu conteúdo.

Declaro que tenho conhecimento da legislação de Direito Autoral, bem como da
obrigatoriedade da autenticidade desta produção científica. Autorizo sua divulgação e
publicação, sujeitando-me ao ônus advindo de inverdades ou plágio e uso inadequado de
trabalhos de outros autores. Nestes termos, declaro-me ciente que responderei administrativa,
civil e penalmente nos termos da Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que altera e consolida
a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

Pelo presente instrumento autorizo o Centro Universitário de Goiás,
UniANHANGUERA a disponibilizar o texto integral deste trabalho tanto na biblioteca,
quanto em publicações impressas, eletrônicas/digitais e pela internet. Declaro ainda, que a
presente produção é de minha autoria, responsabilizo-me, portanto, pela originalidade e pela
revisão do texto, concedendo ao Uni-ANHANGUERA plenos direitos para escolha do editor,
meios de publicação, meios de reprodução, meios de divulgação, tiragem, formato, enfim,
tudo o que for necessário para que a publicação seja efetivada.

Goiania 17 de novembro de 20 18

Melissa Gabriely
(Nome e assinatura do aluno/autor)

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: RELAÇÃO ENTRE VIVÊNCIAS FAMILIARES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

SILVA, Heloisa Gabriely Fernandes da¹; SILVA, Márcia Inês da²

¹Estudante do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

³Professora, Mestra, Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA.

Os principais responsáveis pelo desenvolvimento dos alunos/filhos com Dificuldade de Aprendizagem é, sem margem de dúvidas, a relação que deve haver entre a família e a prática pedagógica ministrada nas instituições de ensino. Em razão da falta de informação sobre o tema, elas se distanciam, ao contrário daquilo que seria a verdadeira solução para a questão. O artigo foi desenvolvido por meio de narrativa, relatando a vivência da autora e reforçado com embasamento teórico e estudos de casos onde são apresentados depoimentos de familiares e de professores que fazem da inclusão, parte chave da sua vida. Foram analisadas, ainda, contribuições recentes (Mantoan e Libâneo) e antigas (Vygotsky e Piaget), sobre o tema, fazendo-se a correlação delas com a educação de hoje em dia, resultando em argumentos que podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança com deficiência. A relação saudável entre a família e a escola é fator principal para o desenvolvimento da criança com Dificuldade de Aprendizagem, e ao estudar essa parceria têm-se como objetivo da pesquisa trazer soluções onde abordaremos as experiências familiares e docentes, as melhores metodologias para o atendimento dessas crianças e a importância fundamental de uma educação continuada e específica dos professores responsáveis pela inclusão. Ao final do estudo percebe-se que outro empecilho para o desenvolvimento é o fato da família/pais privarem seus filhos de autonomia para solução de seus problemas, mesmo que sem querer, por excesso de proteção, e também, pela falta de preparo por parte dos educadores para lidar com essa temática da inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Inclusão. Integração. Narrativa. Cognitivo. Educacional.

